

MARIA DO CARMO TINÔCO BRANDÃO¹
LUÍS FELIPE RIOS DO NASCIMENTO²

Resumo: Jurema é uma árvore que floresce no Nordeste brasileiro. Da casca do seu tronco e de suas raízes, se faz uma bebida mágico-sagrada que permite ao juremeiro entrar em contato os Mestres do “outro mundo”. Os Mestres, outrora, foram antigos juremeiros que formaram seus “discípulos”. Com a morte, o juremeiro se encanta e pode incorporar naqueles que formou.. Jurema é a ciência do outro-mundo, é a mesa em volta da qual se realizam as sessões de consultas e de feitiços, é também o altar onde vê-se assentados taças e vasilhas, são princesas e príncipes, os símbolos da cidade espiritual. Jurema será o objeto de nossa comunicação. Nela buscaremos, através das falas dos juremeiros, e das descrições de rituais observados, elementos etnográficos para entender esta forma de religiosidade popular. Culto que, embora preterido em relação as formas tradicionais de religiões afro-brasileiras em relação a investigações sócio-antropológicas, encontra entre as camadas populares do Nordeste solo fértil para se constituir enquanto movimento mágico-religioso.

A Jurema é uma árvore que floresce no agreste e na caatinga nordestina; da casca de seu tronco e de suas raízes se faz uma bebida mágico-sagrada que alimenta e dá força aos encantados do “outro-mundo”. É também essa bebida que permite aos homens entrar em contato com o mundo espiritual e os seres que lá residem. Tal árvore, se constitui enquanto símbolo mágico-sagrado, o núcleo de várias práticas mágico-religiosas de origem ameríndia. De fato, entre os diversos povos indígenas que habitaram ou habitam o nordeste, se fazia e em alguns deles ainda se faz uso ritual desta bebida³. No ano de 1938, Curt Nimuendaju obtém, entre os índios de Santa Rosa – BA, descendentes de Tupiniquins e Kamuru-Kariri um interessante depoimento; uma “visagem” do mundo espiritual conseguida por aqueles que bebem da sagrada bebida feita com partes da *Mimosa nigra* Hub.

“A Jurema mostra o mundo inteiro a quem bebe: Vê-se o céu aberto, cujo fundo é inteiramente vermelho; vê-se a morada luminosa de Deus; vê-se o

campo de flores onde habitam as almas dos índios mortos, separada das almas dos outros. Ao fundo vê-se uma serra azul; vêem-se as aves do campo de flores: beija-flores, sofrês e sabiás. À sua entrada estão os rochedos que se entrechocam esmagando as almas dos maus quando estas querem passar entre eles. Vê-se como o sol passa por debaixo da terra. Vê-se também a ave do trovão, que é desta altura (um metro). Seus olhos são como as da arara, suas penas são vermelhas e no alto da sua cabeça ela traz um enorme penacho. Abrindo e fechando este penacho, ela produz o raio e, quando corre para lá e para cá, o trovão.” (Nimuendaju, 1986: 53)

Este culto se difundiu dos Sertões e Agrestes nordestinos em direção às grandes cidades do litoral, onde elementos das outras matrizes étnicas da formação da sociedade brasileira entraram em cena. Desse modo, o símbolo da árvore que liga o mundo terreno ao além e, embora amargo⁴, dá sapiência⁵ aos que dela se alimentam, ganha novos significados, surgindo um mito com traços cristãos. Neste sentido, a Jurema surge como a árvore que escondeu a sagrada família, dos soldados de Herodes, durante a fuga para o Egito, ganhando desde então suas propriedades mágico-religiosas (Cascudo, 1931 ; Bastide, 1945).

*A jurema é um pau sagrado
Onde Jesus descançou
Que dá força e “ciência”
Ao bom mestre curador.*

Ainda nessa perspectiva, juntaram-se na constituição desta forma de religiosidade popular, outros elementos de origem européia como a magia e o culto aos santos do catolicismo popular. Da matriz africana, incorporou o sacrifício de animais, como realizado entre os Xangôs nordestinos, além de algumas divindades. As constantes ondas migratórias entre o interior e o litoral devem ter influenciado nestes intercâmbios de elementos simbólicos no culto. E com esta configuração ele se espalha em algumas capitais nordestinas, como Recife, Paraíba, Maceió e Natal.

Na década de 20 os jornais já anunciavam a presença “dos baixos e barulhentos espíritos” do primitivo “Catimbau”, entre os ditos civilizados das pacatas cidades⁶. A partir desta época encontramos referências sobre a Jurema em autores como Cascudo (1931), Fernandes (1940), Bastide (1945) e Vandezande (1975).

A Jurema que passaremos a apresentar, é a encontrada na cidade do Recife, em terreiros localizados em sua grande maioria nos bairros periféricos

da cidade. Dimensionado os limites espaço-temporais do presente trabalho, um primeiro ponto a ser considerado é que o culto à Jurema não se dá de forma padronizada entre os diversos grupos existentes. Como dizem os juremeiros: “*Jurema? Cada uma tem a sua, a minha eu cultuo como aprendi com X...* (sic.)” “*A Jurema de Y ..., ele dá bode ao mestre dele, na minha eu não cultuo com sangue...* (sic.)”. Contudo, em meio às diferenças, existe um complexo de ritos e crenças que os juremeiros compartilham e que permite distinguir o culto à Jurema de outras formas concorrentes de religiosidade popular, em especial do Xangô e da Umbanda praticadas no Recife. O que chamaremos aqui, complexo mágico-religioso da Jurema, envolve como padrão a ingestão da bebida feita com partes da Jurema, o uso ritual do tabaco⁷, o transe de possessão por seres encantados, além da crença em um mundo espiritual onde as entidades residem.

Passaremos então a buscar, dentre os rituais observados em várias casas religiosas do Recife, os elementos que possibilitem melhor caracterizar o complexo mágico-religioso do Culto à Jurema. Enfocaremos, então, o mundo espiritual e o panteão de encantados, os artefatos religiosos, os rituais, enfim, a visão de mundo existente entre os juremeiros.

O Mundo Espiritual e Sua Representação no Mundo dos Vivos

“Abrindo a Mesa, com Luz e Amor.

Abrindo as Portas do Juremá

(ou: As portas e os portões reais).

Chamando os Guias Para trabalhar.”

Quem já assistiu uma reunião de Jurema, deve lembrar dessa toada, cantada no início das sessões, para convidar os “Senhores Mestres do outro-mundo” a participarem do mundo dos vivos. Para os juremeiros paraibanos e pernambucanos este mundo espiritual tem o nome de Juremá e é composto por reinados, cidades e aldeias. Nestes Reinos e Cidades residem os encantados: os Mestres e os Caboclos. Nos diz Cascudo (1931):

“Cada aldeia tem três ‘mestres’. Doze aldeias fazem um Reino com 36 ‘mestres’. No reino há cidades, serras, florestas, rios. Quanto são os Reinos? Sete, segundo uns. Vajucá, Tigre, Candindé, Urubá, Juremal⁸, Fundo do Mar, e Josafá. Ou cinco, ensinam outros. Vajucá, Juremal, Tanema, Urubá e Josafá”.

A Jurema é a cidade-estado deste mundo espiritual. Em Alhandra, localidade do litoral paraibano, considerada por muitos o berço de uma grande linhagem de catimbozeiros e mestres do além, como Manoel Inácio e Maria do Acais, que como nos conta Vandezande (1975) lá formaram escola quando em vida; as árvores de Jurema cultivadas pelos catimbozeiros são consideradas as próprias cidades espirituais.

“A ‘cidade’ mais antiga de jurema, cujo pé de jurema teria sido plantado pelo ‘mestre Inácio’, regente dos índios, é o arbusto velho e enorme que se encontra na atual propriedade ‘Estiva’... O arbusto é sempre venerado, e muitas vezes há velas acesas ao anoitecer. ... O lugar é chamado pelos entendidos de ‘cidade do Major do Dias’. ... Mestre Inácio e o mestre Major do Dias foram proprietários de Estiva. O atual proprietário, o mestre Adão, um dia tornar-se-á também ‘mestre’ do além depois que o seu espírito for lavado9.”
(Vandezande, 1975: 129)

Entre os recifences, talvez pela falta de espaço nos locais de culto, troncos da planta são assentados em recipientes de barro e simbolizam as cidades *dos* principais mestres das casas. Estes troncos, juntamente com as princesas e príncipes, com imagens de santos católicos e de espíritos afro-ameríndios, maracas e cachimbos, constituirão as Mesas de Jurema. Chama-se Mesa o altar junto ao qual são consultados os espíritos e onde são oferecidas as obrigações que a eles se deva.

As princesas são vasilhas redondas de vidro ou de louça dentro das quais são preparadas a bebida sagrada e, em ocasiões especiais, onde são oferecidos alimentos ou bebidas aos encantados. Os príncipes são taças ou copos, que normalmente estão cheios com água e eventualmente com alguma bebida do agrado da entidade. É comum vê-se nas mesas mais elaboradas uma complexa arrumação onde entra na composição príncipes, princesas e troncos.

O príncipe ou a princesa é a menor unidade de simbolização de uma entidade espiritual. Todo Juremeiro deve ter, ao menos um destes dedicado ao seu mestre e assentado em sua mesa. Contudo, de acordo com a disponibilidade financeira, pode-se constituir todo um “estado espiritual” — as cidades dominadas por urna determinada entidade. Confecciona-se um estado através do uso de uma princesa tendo ao seu centro um príncipe e em seu derredor mais seis deles. Para complementar este artefato, entraria o tronco da árvore sagrada, que pode ficar no centro da mesa ou em baixo dela.

Para alguns entendidos no culto, é no tronco – junto com outros apetrechos que a entidade que o domina solicita que seja nele depositado –, onde estaria o verdadeiro segredo de uma “Jurema plantada”. Portanto, eles argumentam que este deveria ficar longe dos olhos dos curiosos, normalmente em baixo da mesa. Como adverte uma das toadas: “A Ciência da Jurema / Todos querem saber. / Mas é feito casa de abelha, / Trabalha que ninguém vê.” Em cima do tronco, sobre a mesa, ficaria, a vista de todos, o jogo de príncipes e princesas.

Os Habitantes do Juremá

Duas categorias de entidades espirituais tem seus assentamentos nas mesas de Jurema: os Caboclos e os Mestres.

Os Índios e Caboclos

I

*“Fui pra mata, fui caçar
Atirei no que não vi.
Acertei passo sagrado,
Era um Pitiguari.”*

II

*Mas, tupã me perdoou,
Hoje eu não caço mais.
Me chamo Flecha Dourada,
Protetor dos animais.”*
(Jurema de mesa)

Os Caboclos são identificados como entidades indígenas que trabalham principalmente com a cura através do conhecimento das ervas (Pinto, 1995). Durante a estada destas entidades nos terreiros, incorporadas nos médiuns, dão passes e realizam benzeduras com ervas e folhagens. São associados às correntes espirituais mais elevadas, que trabalham para o bem, mas, também podem ser perigosas quando usados contra alguém, por isso são muito temidos. Diz um informante de Pinto (op. cit.: 53-54):

“... na antiguidade se tina muito medo dos caboclos por causa das flexadas. A flexada de um índio é pior

que o trabalho de um mestre... só algumas pessoas que sabem mexer e botar a mão ali dentro”

Nas Mesas o caboclo é simbolizado por príncipes, estátuas de índios e apetrechos confeccionados por índios ou inspirados neles, como cocares, flechas, preiacas, colares, etc.

Os caboclos comem frutas, flores, mel, carne bovina ou peixe, que pode ser crua, cozidas no vinho, ou assadas na braza. Com a introdução de sacrifício de animais nas práticas juremistas, é comum oferecer-lhes pequenos animais como passarinhos, preás, coelhos e outro “bichos de caça”. São oferecidos ainda raízes como a mandioca, a batata doce, e alimentos confeccionados a partir delas. Alguns juremeiros oferecem vinho branco a estas entidades, outros apenas suco de frutas e refrigerantes como o guaraná. Normalmente os caboclos não fumam e no momento das reuniões e giras a eles destinadas, não se deve fumar; contudo alguns caboclos se utilizam destes elementos. No caso dos caboclos que utilizem do tabaco em seus trabalhos, nas oferendas estes devem se fazer presentes na forma em que o caboclo em questão mais se agrada (cachimbo ou cigarro de palha ou charuto). Completam as oferendas as bugias ou inãs, as velas.

Na incorporação vê-se três estereótipos relacionados ao gênero e a faixa etária destas entidades: Os caboclos-crianças, sejam de um sexo ou de outro, descem pedindo mel, balas e frutas. São pouco ascéticos quando comem estes alimentos, depositando e misturando os ingredientes no próprio chão dos terreiros. É costume, ainda, lambuzarem a si e aos com que compartilham de seu alimento. Muitas vezes querem comer pequenos insetos e répteis que encontrem nas casas de culto, sob a argumento de que nas matas comem destes animais. São brincalhões e falam uma linguagem infantilizada, tipo tati-bi-tati.

Os caboclos-adultos do sexo masculino tem o semblante carrancudo. Sua voz, normalmente faz-se ouvir claramente. Descem em geral estalando os dedos e emitindo um som sibilante. Quando em reuniões, onde não haja o batuque dos tambores, dançam em círculo, dobrando um joelho e deixando a outra perna atrás (Pinto, 1995). Nas festas a sua coreografia muda assumindo os passos dançados pelos “caboclinhos” dos folguedos populares do carnaval pernambucano. As caboclas tem uma expressão facial de maior suavidade e, normalmente, falam uma linguagem onde se intercala no início das palavras a sílaba *si*.

Os Mestres

*É morão que não bambeia,
É morão que não bambeia,
Os Mestres da Jurema,
É morão que não bambeia.*

(Gira de Jurema)

Uma outra categoria de entidades que recebem culto na Jurema é a dos Mestres. Ao que parece o termo mestre é de origem portuguesa, onde tinha o sentido tradicional de médico (Motta, 1985), ou segundo Cascudo (1931) de feiticheiro. De forma geral, os mestres são relacionados como espíritos curadores de descendência escrava ou mestiça (índio com negro ou branco com uma das duas outras raças). Dizem os juremeiros que os mestres foram pessoas que, quando em vida trabalharam nas lavouras e possuíam conhecimento de ervas e plantas curativas. Por outro lado, algo trágico teria acontecido e eles teriam “se passado” (morrido), se encantando, podendo assim voltar para “acudir” os que ficaram “neste vale de lágrimas”. Alguns deles se iniciaram dos mistérios e “ciência” da Jurema, antes de morrer, como o mestre Inácio ou Maria do Acais e toda a linhagem de catimbozeiros de Alhandra (Vandezande, 1975), que após um ritual denominado “lavagem”, ganham um lugar nas cidades espirituais e passam a incorporar nos discípulos que formaram. Outros adquiriram esse conhecimento no momento da morte, pelo fato desta ter acontecido próximo a um espécime da árvore sagrada.

No panteão juremista, existem vários mestres e mestras, cada qual responsável por uma atividade relacionada aos diversos campos da existência humana (cura de determinadas doenças, trabalho, amor...). Há ainda aqueles especialistas em fazer trabalhos contra os inimigos. Nas mesas, as representações das entidades relacionadas nesta categoria são as mais elaboradas, geralmente possuindo o estado completo e a “jurema plantada”; em especial a do “mestre da casa”, aquele que incorpora no juremeiro, faz as consultas, iniciam os filhos nos segredos do culto; por isso esse mestre é carinhosamente chamado de “meu padrinho”.

Cada mestre está associado a uma cidade espiritual e a uma determinada planta de “ciência” (angico, vajucá, junça, quebra-pedra, palmeira, arruda, lírio, angélica, imburana de cheiro, e a própria Jurema, entre outros vegetais), existindo ainda alguns relacionados a fauna nordestina (mamíferos – guará, preá – ; aves – gavião, periquito, arara, pitiguarí –; insetos – abelhas, besouro mangangá; répteis – cobras). Para os mestres relacionados a uma outra planta específica

que não a Jurema, são estas plantas (quando arvores) que tem seus trocos plantados nas mesas dos discípulos.

I

*“No outro mundo, do lado de lá!
No outro mundo, do lado de cá!
Tem um pé de árvore, Angico real.
Tem um pé de Jurema, tem um pé de Jucá,
Tem um pé de árvore, Angico Real.*

II

*Ai meu Deus, Mestre Angico sou eu.
Ai meu Deus, Mestre Angico será.
Os anjinhos tão no céu, a sereia no mar.
Ai meu deus mestre Angico Reá.
(Jurema de Mesa)*

Por exemplo, a cidade de Mestre Angico deve ser plantada em um tronco da árvore do mesmo nome; as cidades das mestras geralmente são plantadas em trocos de imburana de cheiro. No caso dos mestres que tem relação com vegetais, são daquelas espécies que tiram a força e a “ciência” para trabalhar. Os que tem relação com animais, acredita-se que eles possam encantar-se em animais das espécies referidas, aparecendo em sonhos, visagens e, muitas vezes, assim metamorfoseados quando incorporados em seus discípulos.

Nesta categoria, como entre os caboclos há uma distinção do gênero das entidades; distinção que irá determinar seus atributos e como devem ser cultuadas.

O símbolo dos mestres masculinos é o cachimbo ou “marca”, cujo poder está na fumaça que tanto mata como cura, dependendo se a fumaçada é “as esquerdas” ou “as direitas” (Pinto, 1995). Essa relação com a “magia da fumaça” é expressa nos assentamentos dos mestres, onde sempre se encontra presente “rodias” de fumo de rolo e cachimbos, e nas toadas:

I

*Setenta anos,
Passei no pé da Jurema.
Mas eu não tenho pena
De quem me faça o mal.*

II

Se eu me zangar

Eu toco fogo no rochedo

Meu cachimbo é um segredo

Agora vou me vingar.

(Jurema de Mesa e Gira de Jurema)

Como oferendas, os mestres recebem além da cachaça, que nunca deve faltar quando estão presentes nos cultos, e do fumo, seja os charutos ou os utilizados nos cachimbos; com crustáceos e moluscos diversos, preparados à moda nordestina. Com essas iguarias, agrada-se e fortifica-se os mestres. A bebida feita com a entrecasca do caule ou raiz da Jurema e outras ervas de “ciência” (Junça, Angico, Jucá, entre outras) acrescidas à aguardente, é, entretanto, a maior fonte de força e “ciência” para estas entidades. Nos terreiros que sofreram maior influência dos cultos africanos, é comum o mestre receber, também, sacrifícios de galos vermelhos, bodes e, muitas vezes, até de novilhos.

Quando em terra, incorporados, os mestres já chegam embriagados, tombando de lado a lado, falando embolado. São brincalhões, chamam palavrões, mas o que falam é respeitado por todos. Durante o transe os mestres apresentam-se com o corpo ligeiramente voltados para a frente, mantêm as mãos fechadas, que podem ser postas nas costas ou manter um dos braços ligeiramente flexionado ao longo do corpo. Na dança, as pernas tem os joelhos ligeiramente flexionados, o pé direito vai a frente e dá dois passos para o mesmo lado, o pé esquerdo é arrastado; é então a vez do pé esquerdo ir a frente no mesmo estilo de dança; variações vão sendo executadas tendo como base o ritmo dos Ilus¹¹, e a letra das toadas.

Quanto as Mestras, reconhece-se seus assentamentos pela presença de leques, bijuterias, piteiras, cigarros e cigarrilhas. Como no caso dos mestres, existe uma infinidade destas entidades, com atributos e especialidades nas questões mundanas e espirituais. Algumas casas fazem uma distinção entre as mestras que trabalham “nas esquerdas” e “nas direitas”. Nesta última categoria, encontram-se mestras como a Gertrudes e a Lorinda, ambas parteiras na vida material e hoje ajudam as mulheres no dar a luz a mais um ser vivente.

Algumas mestras morreram virgens, por isso ganharam o estatuto de princesas quando ingressaram nas moradas do além. Vale lembrar os nomes de algumas princesas como a Mestre Marianinha, a Princesa Catarina e a Princesa da Rosa Vermelha.

*“Sou Princesa da Rosa Vermelha
Sou Princesa que venho ajudar
Sou Princesa dos campos de Anadir
O meu ponto venho afirmar
Vinde, vinde, vinde minhas irmãs
Vinde, vinde, vinde me ajudar
Eu sou a Princesa Elisa
O meu ponto venho afirmar
(Jurema de Mesa)*

Contudo, não é fácil encontrar, atualmente, a manifestação de tais mestras; encontramos bem mais as chamadas “mestras das esquerda”, entidades que em vida material foram “mulheres de vida fácil”; mulheres das ruas e dos cabarés nordestinos.

I

*Homem pequeno
na minha cama não dormia,
Servia de cafetão,
nas horas que eu queria.*

II

*Mulher sozinha
é mulher de opinião,
É mulher de muitos homens
mas só um no coração.*

III

*Eu vou dá uma,
vou da duas, vou dá três,
Se você me arretar,
eu dou quatro, cinco, seis.*

(Gira de Jurema)

Lembremos das Mestras Paulina e Jovina, inimigas desde as “bandas de Maceió”; Mestre Ritinha que se passou com quinze anos na Rua da Guia, antigamente uma das mais populares zonas de baixo meretrício recifense e que hoje abriga bares freqüentados pela alta sociedade da cidade; Mestre Severina que passeava no bonde do Loré quando este percorria as velhas ruas da capital pernambucana e residia no bairro do Pina; Júlia Galega da Zona do Sul..

I

*Tava na beira do Cais
Quando um naviu apitou
Um marinheiro me deu um abraço,
Apertou minha mão, minha boca beijou.
Ela é Julia Galega,
Foi num cabaré onde se passou
Seus cabelos loiros,
Na Jurema ela deixou.*

III

*É Julia Galega da Zona do Sul
Ela da lapada, tira o couro e come cru.*
(Gira de Jurema)

Tais mestras são peritas nos assuntos do coração, são elas que dão conselhos as moças e rapazes que queiram casar-se, que realizam as amarrações amorosas, que fazem e desfazem casamentos.

*Todo jardim tem que ter uma flor,
Onde tem paz, tem que ter amor.
Home prá ser home, tem que ter mulher,
Dai-me um cigarro quem quiser Amélia chegou.*

(Mesa de Jurema)

Muito vaidosas, quando incorporadas elas transvestem os seus discípulos de forma a melhor aclimatar a “matéria” as suas performances femininas. Quanto a mudança corporal característica da incorporação das mestras, observamos que quando estão dançando, geralmente mantêm uma ou as duas mãos dobradas com a palma para fora, na altura da cintura ou quadris. Quando seguram um cigarro, a palma da mão fica sempre distendida e a mostra. Na dança os braços fazem arcos; ficam distendidos ao longo do contorno da roupa; em alguns momentos, geralmente quando canta-se toadas que falam do corpo ou da sensualidade feminina, as mãos passeiam pelo contorno da silhueta corporal.

Quando entre seus afilhados e discípulos no mundo material, bebem cerveja, cidra e champanhe, embora não rejeitem outras bebidas que se lhes ofereça. Gostam de comer peixe assado, que é depositado em suas princesas para lhes dar força para trabalhar. Algumas casas, as que se utilizam de sacrifícios a estas entidades, elas recebem galinhas, cabras e novilhas.

Outras entidades

Além dos caboclos e dos mestres, vem na jurema, mas com menos frequência, os Pretos e Pretas Velhas. Espíritos de velhos escravos africanos, peritos em benzeduras e nos conselhos que dão a seus netinhos dos terreiros. Temos aqui, talvez, uma influência da Umbanda sobre o culto Juremista.

Contudo a influência dos cultos africanos é melhor expressa na incorporação dos **Exus e Pomba Giras** ao panteão juremista. Na Jurema eles aparecem como os servos dos mestres; ou como mestres menos esclarecidos e mais propícios aos trabalhos para o mal.

Junta-se a este panteão, os Santos da Igreja Católica, que são saudados pelos mestres e caboclos, e os quais encontramos referências nas toadas e nas orações utilizadas nos fazeres mágicos ensinados pelos encantados.

I

*Minha Santa Terazinha,
Vós queira me ajudar.
Os trabalhos que eu fizer,
Outros não possam desmanchar.*

II

*Sou massapê,
Barrostroá!
Sou caboclo da Jurema,
Só faço o bem, não faço o mal.*
(Jurema de Mesa)

Também encontramos em algumas juremas os **Orixás do Xangô**. Em algumas casas se abre as giras de jurema cantando para os Deuses de origem africana depois de saudar Exu, como de praxe entre os ritos Xangozistas. Entretanto as toadas são, geralmente, em português como na Umbanda.

*Caboclo Oxossi entrou na Jurema,
Mamãe Oxun levou para criar.
Mas ele é um rei caçador,
É filho da índia da cobra coral.*
(Gira de Jurema e Jurema de Mesa)

Além disso, é comum os mestres indicarem serviços a serem feitos com o “povo da bunda grande” (modo como as entidades de jurema se referem ao culto dos Orixás), além de saberem quais os seus próprios Orixás de cabeça. Junte-se ainda o Deus Supremo, que é sempre saudado pelos mestres e caboclos: “quem pode mais do que Deus?” “Salve Deus!”

Os Ritos

*Juremação e Tombo de Jurema
Olha o tombo na Jurema
No terreiro Juremar
Vou pedir força a meu pai
Licença pra trabalhar.*

(Juremação)

Muitos juremeiros dizem que “um bom mestre já nasce feito”; contudo alguns ritos são utilizados para “fortificar as correntes” e dar mais conhecimento mágico-espiritual aos discípulos. O ritual mais simples, porém de “muita ciência” é o conhecido como “juremação”, “implantação da semente”, ou “Ciência da Jurema”. Este ritual consiste em plantar no corpo do discípulo, por baixo de sua pele, uma semente da árvore sagrada¹².

Existem três procedimentos para se chegar a “juremação” dos discípulos. Em um primeiro, o próprio mestre espiritual é o responsável pela implantação da semente. Esse mestre promete ao discípulo e após algum tempo, misteriosamente, surge a semente em uma parte qualquer do corpo¹³. Um segundo procedimento é aquele em que o líder religiosos (o juremeiro) realiza um ritual especial, onde dá a seus afilhados a semente e o vinho de Jurema para beber. Após este rito, o iniciante deve abster-se de relações sexuais por sete dias consecutivos, período em que todas as noites ele deverá ser levado em sonhos, por seus guias espirituais, para conhecer as cidades e aldeias onde aqueles residem. Ao final deste período, a semente ingerida deverá reaparecer em baixo de sua pele. Caberá, ainda, ao iniciante contar ao seu iniciador o que viu em sonho, para que este reconheça, ou não, a validade de suas viagens espirituais e por conseguinte da juremação. Num terceiro procedimento, o juremeiro implanta a semente da Jurema, através de um corte realizado na pele do braço.

Há ainda, geralmente concomitante a ciência de Jurema um ritual conhecido como a “Ciência do Cachimbo”. Este dará, ao iniciante, força em suas

“cachimbadas”. Tal “ciência” é dada através do sopro invertido do cachimbo, onde a fumaça é jogada pelo tubo do mesmo, diretamente sobre a pele do braço do iniciante, até que o calor queime o local.

O “Tombo de Jurema”, se constitui no processo pelo qual muitos dos mestres, que hoje estão no mundo espiritual, passaram para ganhar a “Ciência”. “Tombam” no pé da jurema e ao acordar estão prontos para trabalhar. Foi o caso do Mestre Carlos, famoso por seu dom de cura nas mesas de Jurema de todo o nordeste.

I

*Ôh de casa Ôh de fora,
Quem é que me bate aí?
É Jesus, Nossa Senhora
As portas me vai abrir.*

II

*Ôh de casa Ôh de fora
Louvado seja meu deus!
Com Jesus, Nossa Senhora
Mestre Carlos apareceu.*

III

*Mestre Carlos é um bom mestre
Que nasceu sem se incinar
Três dias levou caído
Na rama do juremá
Quando se alevantou
Foi mestre prá trabalhar.*

(Jurema de Mesa)

Contudo, nos terreiros, o rito foi tornado bem mais complexo que sua referência mítica. O tombamento consiste, então, no oferecimento de alimentos e sacrifícios as correntes espirituais do iniciante. Nele comem o Caboclo, o Mestre, a Mestra, o Exu e a Pomba Gira do iniciante. Há ainda a juremação, com a implantação da semente através do corte na pele e a viagem espiritual. Esta deve acontecer no período que se intercala a oferta dos sacrifícios ao caboclo e a preparação das comidas oferecidas em banquete ritual. Ainda durante o sacrifício, o iniciante é levado durante o transe para “correr as cidades espirituais”. O interessante e singular neste transe é que os adeptos acreditam que

enquanto a pessoa (Ego) é levada para realizar a viagem espiritual, o caboclo permanece no corpo do iniciante.

Concluído o sacrifício, passa-se a preparação das carnes dos animais e a partição das frutas e alimentos oferecidos aos encantados. O caboclo é alimentado com uma pequena porção de tudo que foi oferecido. Findo o banquete, o caboclo é então mandado de volta a sua cidade e o filho deverá contar ao seu iniciador o que viu. Se sua viagem for considerada válida segue-se os sacrifícios às demais entidades: o Mestre, a Mestra, o Exu e a Pomba Gira.

No dia posterior, em animada festa, o caboclo, vestido a caráter, deverá, como na iniciação do Candomblé, gritar o seu nome e também cantar sua toada. O Iniciante também poderá vestir as demais entidades a quem deu de comer. A riqueza deste ritual completo, está intrinsecamente ligada as condições financeiras do iniciante.

Reuniões e Festas

Sexta-feira, 19:30 h, seu Malunguinho já está em terra. Os seus afilhados cantam para agrada-lo. A uma ordem do Mestre-Caboclo-Exu, cachaça para os homens, vinho para as mulheres. Eventualmente a bebida feita com a Jurema também é compartilhada pelos presentes.

Ninguém consegue ficar parado. A reunião prossegue e a vontade de dançar aumenta. Muitos ensaiam algumas das coreografias próprias dos toques de macumba. O espaço é mínimo, mas a vontade vence as limitações. O primeiro andar da casa da mãe carnal de Gilmar se transforma em um verdadeiro terreiro.

Outras entidades seguem o caminho aberto por seu Malunguinho e também se comunicam com os presentes através do corpo dos Juremeiros. Em Gilmar vêm o Mestre Junqueiro e a Mestra Paulina. Figuras consagradas dentro da “Sagrada Jurema”. Uns ou outros vem, vez e outra, às reuniões semanais na casa/terreiro de Pai Gil no bairro de Brasília Teimosa, Zona Sul da cidade. Assim também é na casa de Pai Carlitos, no bairro do IPSEP, onde é a vez do Mestre Cibamba e da Mestra Severina tomarem a cena e comandarem os trabalhos espirituais.

Nos terreiros menores, como os supra citados, onde os pais de santo ainda lutam para conquistar um espaço de destaque no concorrido mercado religioso da cidade, são os mestres e outras entidades dos pais de santo que fazem a cena das noites de reunião. Nos terreiros já consolidados, os filhos com mediunidade desenvolvida, Jurema plantada e cidades assentadas dividem e

compartilham com os seus Padrinhos de Jurema os trabalhos e consultas a serem realizadas.

“Cada Jurema é uma Jurema”; existem muitas formas de se “trabalhar dentro da Ciência espiritual”. Existem aqueles que realizam a Jurema de Mesa em seus terreiros. Os discípulos sentam ao redor de uma mesa, em cima destas alguns príncipes e princesas. Após louvar-se o nome do Nosso Senhor Jesus Cristo e exaltar a força da Jurema sagrada e de outras árvores encantadas, uma oração católica ou a “Prece de Cáritas” abre a sessão.

Uma “Mesa” pode ser aberta “pelas direitas” ou “pelas esquerdas”. Nas abertas “pelas direitas”, só as entidades mais elevadas devem se fazer presentes: Caboclos, Índios, Princesas e Mestres que já estão “perto de subir”, todas “entidades de muita luz”. Incorporadas, elas dão passes, receitam banhos de ervas e defumações, além de cantarem seus pontos, afirmando assim sua força na Sagrada Jurema.

Quando se abre uma mesa “pelas esquerdas”, qualquer tipo de entidade espiritual pode vir. Os trabalhos não precisam, necessariamente, visar o mal de alguém, contudo, aberto os trabalhos por este lado da “ciência”, já é possível devolver aos inúmeros inimigos, que estão sempre a espreita, os males que estes possam estar fazendo.

*Campos verdes, Campos verdes
Campos verdes do Senhor
Vamos virar os contrários
Pra cima de quem Mandou
Com as forças da Jurema
De Jesus Nosso Senhor*

Em algumas casas as reuniões não ocorrem em redor de uma mesa, mas perto da “mesa/altar” onde encontram-se assentados os encantados da casa. Por vezes isso acontece pela falta de espaço no cômodo onde acontece a reunião, em outros casos deve-se ao fato do terreiro não possuir, em número médiums desenvolvidos o suficiente para compor a corrente de uma mesa. Contudo as entidades são chamadas, quase sempre, na mesma seqüência quando as reuniões acontecem com os discípulos sentados ao redor de uma mesa.

Orações e saudações feitas, canta-se para abrir a mesa e chamar os guias. Em algumas casas estes dão sua presença, afirmando que protegerão seus discípulos durante a realização dos trabalhos. Canta-se então para Malunguinho, o caboclo que pode vir como Mestre ou também como Exu. Para alguns ele é

o verdadeiro Exu da Jurema. Em seguida canta-se para os demais caboclos do Juremá: Cabocla Aurora, Índio Tupi, Sete Flechas, Caboclo Guarací, os Tapuias e os Candidés, a própria Cabocla Jurema e seus “Capangueiros” do Além. Incorporando ou não eles são homenageados com toadas próprias.

Subindo o último Índio ou Caboclo, é o momento de todos, exceto o Juremeiro-mor, se prostrarem de joelhos no chão e pedir ao Juremá licença para entrar em seus domínios; é que os “Senhores Mestres” já vem chegando...

I

*Ôh, Jurema encantada!
Que nasceu em frio chão!
Dai-me força e ciência.
Como destes a Salomão!*

II

*Rei Salomão bem que dizia
A seus filhos juremados
Para entrar na jurema, mestre!
Tem que Ter muito cuidado!*

III

*Rei Salomão bem que dizia
A seus filhos juremeiros
Para entrar na Jurema, mestre!
Tem que pedir lisensa primeiro*

IV

*Vamos salvar a Jurema, Mestre!
Vamos salvar Salomão
Vamos salvar a Jurema, Mestre!
Que é de nossa Obrigação.*

V

*Rei Salomão, Rei Salomão!
Arreia, Rial!*

Rei Salomão do Juremá!
Arreia, Rial!
Eu vou chamar senhores Mestres!
Arreia, Rial!
Para com eles triunfar!
Arreia, Rial!

Os discípulos pedem benção aos Juremeiros mais velhos na casa. Saúdam com toques e benzenções a Mesa da Jurema e os artefatos dos Mestres. A Jurema é dita aberta. Os Senhores Mestres começam a chegar.

Parece ser este o momento que todos esperam, a chega dos Mestres e quando estes se forem, a presença das Mestras. É o momento das consultas que sempre têm clientela certa. Momento onde coisas sérias são tratadas com irreverência, sem que no entanto percam a gravidade e o apressado dos Mestres e Mestras, prontos a ajudar a seus afilhados. Nos casos mais graves, entretanto, o Mestre logo marca um dia mais conveniente, onde poderá realizar trabalhos em particular, afim de, o mais prontamente possível, resolver os problemas do consulente. É assim que o Mestre, traz os recursos financeiros necessários para a manutenção da casa de culto e do seu discípulo.

Nas ocasiões de festa, os “toques de Jurema” ou “Macumbas”, estas tem início com cantigas para Exu e em seguida para as Pomba Giras. Despachado os Exus, segue cantigas para Malunguinho e posteriormente para os outros Caboclos. Voltando os Caboclos para as suas Aldeias, saúda-se a Sagrada Jurema e os Mestres começam a chegar. Canta-se para que os Mestres subam e inicia-se as toadas das Mestras. Após a subida destas, uma Pai Nosso seguido de uma Ave Maria encerra as comemorações aos espíritos. Segue-se, então, os festejos com o Ajeum¹⁴, por vezes acompanhado de um “Coco de Roda”¹⁵.

A Jurema e o Campo Religioso Afro-brasileiro

Senhores Mestres do Outro Mundo
Do Outro Mundo e deste também
Quero deixar meus trabalhos, senhores mestres!
Nas horas de Deus, Amém.
 (Jurema de Mesa, Toada de encerramento)

A literatura clássica sobre o Xangô do Recife, tende a colocar como distintas e incompatíveis o Culto à Jurema e o Xangô Tradicional. A tendência é tomar como um dos critérios para identificar o grau de tradicionalidade das casas de santo, a realização ou não de tal culto. Os que cultuam o panteão juremista são logo caracterizados como sincréticos (Umbanda e Xangô-Umbandizado). Entretanto, Pinto (1995), traz para a literatura antropológica, a importante constatação de que a Jurema, mesmo que muitas vezes discursivamente esteja invisível, está presente na maioria destes espaços religiosos.

Mesmo nos Terreiros de Xangô mais tradicionais do Recife, alguns dos quais sem nenhum espaço ritualmente constituído para cultuar os espíritos da Jurema, estes reaparecem nas residências dos filhos de santo, ou em terreiros afiliados (para os filhos que alcançaram a senioridade e abriram casas), recebendo culto de diversas formas.

Desse modo, não podemos entender a Jurema como uma forma secundária de religiosidade ou prática mágico-curandeirística. Embora, não possua ela uma existência autônoma, ou seja, ela apareça quase sempre relacionada a outras formas religiosas como o Xangô e a Umbanda, vemos a Jurema como tendo uma importância fundamental dentro dessas formas de religiosidade.

Nas conversas com o povo de santo, as pessoas falam que “A Jurema é quem dá o pão de cada dia”, ou seja, é das consultas dadas pelas entidades e dos trabalhos por elas recomendados, que vem grande parte do dinheiro para a manutenção da casa e de seus sacerdotes.

Além disso, mesmo almejando iniciar-se no culto aos Orixás e/ou aprofundar-se em seus “fundamentos” (para os que já tenham se iniciado); a grande maioria dos Pais de santo iniciam sua carreira espiritual, consultando seus clientes e filhos com as entidades de Jurema.

“Que a Jurema é quem traz para o Candomblé. Porque você não vai virar com (...) Oxum pra fazer uma consulta. Totalmente errado (...) Agora receber Pomba Gira, Exu, Luziara (...) Ela consulta o consulente e ele sai alegre e satisfeito. Mas já o Orixá, de maneira alguma. É uma coisa totalmente fina (...) Então a Jurema é mais tranqüila para esse tipo de coisa.” (Pai de Santo, Nação Gêge)

Pensando na clientela, junte-se outros fatores que contribuem para a presença da Jurema nestes diversos espaços religiosos, para uma pessoa que esteja entrando em contato com a religiosidade afro-brasileira, a Jurema causa

menor estranhamento do que o culto aos Orixás. As entidades são brasileiras e foram, quando em vida pessoas do povo, as toadas são em português, e tanto elas como as conversas com as entidades versam sobre problemas inerentes ao dia-a-dia: dinheiro, trabalho, sexo, amor, saúde, etc.. Isso em um contato direto, face a face, com um ser sagrado¹⁶. Além disso, dizem os fieis, os resultados dos trabalhos feitos com as entidades da Jurema, além de mais baratos, tem um sucesso mais rápido.

“Eu já sou mais apegado com a Jurema, sabe? Não sou muito apegado com Orixás não. Eu gosto mais do Orixá, mas na hora do aperreio mesmo eu procuro mais a Jurema. Não sei se eu sinto mais força na Jurema ou se é a questão que eles falam, né? Sabem conversar então o santo em si não conversa, o santo chega, faz o que ele tem que fazer e vai se embora. Então, pra mim, o santo não ajuda outra pessoa, só ajuda os seus próprios filhos. Agora, a jurema não, a jurema dá pra encarar de um modo diferente. Que ela... você pede pra falar com um mestre, você concentra, chama o mestre, o mestre vai ver o que está acontecendo, as vezes não precisa nem falar, se é um bom médium mesmo. (...) Ele já fala o que é que tá acontecendo e o que precisa ser feito. Então é isso que me apega mais com a Jurema.”

(Filho de Santo, Nação Angola)

Também o uso da bebida, que circula entre homens e seres divinos, todos bebendo de uma mesma taça, num crescendo de animação, promovidas pela própria bebida atrelada aos cânticos e danças e pelo contexto próprio, ou seja, um culto de religação como o mundo espiritual (e com tudo o que isso possa significar para cada um dos presentes), leva a mobilização da energia que faz de um aglomerado de pessoas um grupo.

Nesta perspectiva, é de se ressaltar que é o Culto a Jurema entra como um dos elementos que atrai adeptos para os terreiros de Xangô e de Umbanda. Não é apenas o brilho das festas que atrai as pessoas para estas formas de religiosidade. A assistência prestada pelos encantados aos que a eles recorrem, já levou muitos católicos e mesmo protestantes a, em busca de alívio para as “mazelas do mundo”, se tornarem juremeiros ou filhos-de-santo. A periodicidade com que acontecem, o fato de serem momentos de sociabilidade, faz das reuniões de jurema a primeira instância de socialização dos grupos afro-brasileiros do Recife. É através dela que surge o sentimento de pertencimento que mantém as pessoas nos grupos. Ao nosso ver, atrair pessoas e manter vivo

os grupos são o papel destas pequenas festas que são cada uma das reuniões de Jurema. Momento em que se vem fumar, beber e trocar idéias com os encantados do “outro mundo”.

Abstract: The Jurema Tree in Pernambuco. The Jurema is a tree flourishing in Brazilian Northeast. From the bark of the truck and its roots a magical sacred beverage is prepared allowing the *juremeiro* to contact his Masters of the “other World”. The Masters, in the old days, were the ancient *juremeiros* forming their “disciples”. In death, the *juremeiro* becomes enchanted and may incorporate in the ones he has formed. Jurema is the science of the other World, is the covered table on which consultation and sorcery sessions are performed, it is also the altar where vessels and glasses are placed, these are the “princesses” and the “princes”, the symbol of the “spiritual cities”. Juremas is the object of our communication. In it we will pursue through the speech of the *juremeiros* and the description of the rituals followed, ethnographic elements to understand this form popular religiosity. It is a cult, although neglected in relation to the more traditional forms of Afro-Brazilian religions as pertaining to social and anthropological investigations, it has found among the people of the Northeast fertile soil for a magical religious movement.

Notas:

¹ Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

² Antropólogo. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Antropologia. Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n - Cidade Universitária - Recife - PE - Brasil. CEP. 50.560-901

³ Para maiores informações sobre a Jurema entre os povos indígenas do Nordeste cf. Koster, 1972; Hohenthal, 1954; Pinto, 1954; Pirson, 1972; Pereira, 1988; Ferreira, 1989; Pinto, 1995.

⁴ Dizem que a Jurema Amarga,

Mas pra mim é um licor

A Jurema e seus frutos

Sempre nos alimentou.

⁵ A Jurema, é um pau encantado!

É um pau de ‘ciência’, que todos querem beber.

E se você quer Jurema.

Eu dou Jurema a você!

⁶ Cf. Fernandes (1940)

⁷ Salientamos que o tabaco é utilizado no culto não apenas para o fumo, mas igualmente para banhos, mascado e aspergido sobre partes do corpo ou objetos rituais, entre outros usos.

⁸ Se para Cascudo (1931) o Juremal é um dos Reinos que compõe o além, para alguns juremeiros de Pernambuco e da Paraíba o Juremal é o conjunto de Reinos que formam o além.

⁹ Ritual que acontece após a morte do juremeiro, quando seu espírito conhece sua moradia nas cidades do outro mundo e tem a permissão para baixar nas sessões (Vide Vandazante, 1975)

¹⁰ Este termo, usado pelos juremeiros para se referir às representações dos encantados no mundo dos vivos, é o mesmo usado pelos xangozistas para se referir às representações materiais dos Orixás nos quartos de santo.

¹¹ Tambores.

¹² Cascudo (1931), interpreta a semente da Jurema como sobrevivência dos sinais das feitiçarias, próprio da magia europeia.

¹³ Para uma descrição mais detalhada cf. Cascudo(1931).

¹⁴ O banquete “profano”.

¹⁵ Dança popular, cujo ritmo é próximo, se não o mesmo do das toadas dos Mestres. As festas dos Mestres masculinos geralmente são denominadas “Coco” (p. ex. “O Coco de seu Zé”), enquanto as das Mestras são chamadas “Cabarés” (p.ex. “O Cabaré de Cármem”).

¹⁶ No caso do culto aos Orixás, o contato com os deuses é mediado pelo sacerdote em estado de vigília e seu oráculo de búzios.

Referências Bibliográficas

- ALVARENGA, Oneyda. **Catimbó**. São Pulo, Discoteca Pública Municipal, 1949.
- ANDRADE, Mário de. **Música de Feitiçaria no Brasil**. (Organização, introdução e notas de Oneyda Alvarenga.) São Pulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1963.
- BASTIDE, Roger. **Imagens do Nordeste Mítico em Preto e Branco**. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1945.
- BRANDÃO, Maria do Carmo. **Xangôs Tradicionais e Xangôs Umbandizados no Recife: Organização Econômica**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Meleagro: Depoimento e pesquisa Sobre a Magia Branca no Brasil**. Rio de Janeiro, Agir, 1931.
- FERNADES, Gonsalves. **Novas Investigações sobre as Seitas Afro-brasileiras. Neurobiologia**. Tomo III: 182-194, Recife, 1940.
- FERREIRA, Ivison. **Relatório de Identificação e Delimitação de AI Atikum**. CI. N.º 22/SID/DFU/3.º SUER – FUNAI. 1989
- HOHENTAL, W. **Notes on the Shucuru Indians of Serra de ARARÓBA: Pernambuco Brasil**. Revista do Museu Paulista, N.S. VIII, São Paulo, 1954.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Recife, Ed. da Secretaria de Educação e Cultura - PE. 1972.
- MOTTA, Roberto. “Jurema”. Centro de Estudos Folclóricos da Fundação Joaquim Nabuco (Recife), **volante** nº 22., 1977.
- MOTTA, Roberto. **Cidade e Devoção**. Recife, Edições Pirata, 1980.
- MOTTA, Roberto. Catimbós, Xangôs e Umbandas na Região do Recife. In: MOTTA, Roberto (Org.) **Os Afro-Brasileiros: Anais do III Congresso Afro-Brasileiro**. Recife, Massangana, 1985.
- MOTTA, Roberto. **Religiões Afro-Recifenses: Ensaio de Classificação**. In: **Revista Antropológica**. Ano II, Vol. 2, Série Religiões Populares, Recife, Ed. Universitária-UFPE, 1997.
- NASCIMENTO, Luís Felipe Rios do. **Lôce, Lôce, Metá Rê Lê! Homossexualidade e Transe(tividade) de Gênero no Candomblé de Nação**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997.
- NIMUENDAJU, Curt. **Mitos Indígenas Inéditos na Obra de Curt Nimuendaju**. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. N.º 21, 1986.
- PEREIRA, Claudio. **O Toré entre os Tuxá de Rodelas**. **Revista da Fundação de Cultura do Estado da Bahia**, Salvador, Fundação de Cultura-BA, 1988.
- PIERSON, Donald. **O Homem do Vale do São Francisco**. Rio de Janeiro, Ed. SUVALE, 1972.
- PINTO, Clélia Moreira. **Saravá Jurema Sagrada: As Várias Faces de um Culto Mediúnico**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

PINTO, Estevão. **Etnologia Brasileira: FULNIÔ, os últimos Tapuias.** São Pulo, Nacional, 1956.

VANDEZANDE, René. **Catimbó: Forma Nordestina de Religião Mediúnica.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco Recife, 1975.